



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

PIERRÔ SAIU À FRANCESA

peça teatral de autoria de Luiz Carlos Saroldi

vencedora, em 2º lugar, do

1º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/1988

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.*

PIERRÔ SAIU À FRANCESA
de Luiz Carlos Saroldi

PRIMEIRO ATO

CONTRARREGRA

(Cantarolando) "O Rio amanheceu cantando/ toda a cidade amanheceu em flor/ e os namorados vão pra rua em bando/ porque a primavera é a estação do amor..." Olha **A modinha!** Vamos cantar os sucessos do dia. *(Confidencial, à plateia)* Quanto aos jornais, é melhor nem ler. Só falam em guerra na China, bombas na Abissínia, mortandade na Espanha. E hoje aparece essa manchete na edição final de **A noite**: "Já está valendo o estado de guerra. Todas as garantias individuais estão suspensas." *(Sintomático)* É. Estamos em outubro de 37...

DOIS ALMOFADINHAS apreciam o footing.

HOMEM 1

Por aqui até que a vida é muito boa. Temos praia e carnaval, cinema e futebol. Sem falar nos três cassinos da pontinha!

HOMEM 2

Por cinco mil réis, a gente pode dançar, jantar, arriscar uns trocados na roleta ou bacará e ainda ver um espetáculo muito alinhado. Que é que se quer mais?

Entra um GRUPO DE MULHERES IMPORTADAS, respondendo à pergunta.

MULHERES

Mu-lhe-res!!

HOMEM 1

Polacas...

HOMEM 2

Italianas...

MULHER 1

Pra todas as bolsas...

MULHER 2

Pra todo o serviço...

HOMEM

Esse Rio de Janeiro é um paraíso!

*Música: MULHERES riem e dançam, prontas a apresentar **A canção das mulheres da vida.***

MULHERES

Os dias passam/ os homens passam/
e as rugas vão chegando.

Pra cama, meu bem? Vem!/ Temos quarto de espelho/
livros eróticos/ quadros anedóticos/

as artes horizontais/ e também as verticais!

Abre a porta, fecha a porta/ tira a roupa, deixa a
roupa/ vamos lá, é agora, já/ - espera, espera -
Aahhhhhh!

Freguês abre a carteira/ e logo a gente esquece/
Quanto rendeu a brincadeira?

É a vida, que delícia!/ Entre a polícia e os cafetões/
no ar puro dos bordéis/ há sífilis, injeções/
e o ronco dos coronéis./

Nos castelos de Paris/ ou no Ponto de Cem Réis/

Vida Fácil, bom negócio./ Pão que o diabo amassou/
profissão e sacerdócio/ viva Pierrô, que se mandou!

CONTRARREGRA

Muito bem, meninas. Agora preciso de um refletor especial. Porque aí vem ela -
Pierrô!

*Luz sob determinado ponto do palco ou da plateia. PIERRÔ se exhibe
com a superioridade de uma vedete.*

CONTRARREGRA

Marie Ivone Boulanger. Trinta e cinco anos de vida. Doze anos de Brasil, fazendo a vida.

PIERRÔ

Todo mundo me conhece neste Rio de Janeiro. Frequento teatros e recepções. Me visto na Rua do Ouvidor. Vou à praia no posto 2. É só me chamarem e lá vou eu: pra cama de hotéis, pensões, *rendez-vous* e *garçoniéres*.

CONTRARREGRA

Pois é ela que vai nos deixar um quebra-cabeça. O mistério da francesa milionária que um dia saiu de casa, bateu asas e voou. Uma história que tem de tudo, desde o sabor cosmopolita dos shows da Urca até o tempero grosso das revistas da Praça Tiradentes.

*Música: Entra um CORO MASCULINO, sob melodia pseudo-romântica.
É A canção dos caftens.*

CAFTENS

No fundo somos bons meninos/ no fundo somos bonzinhos./
Às vezes vamos à missa/ torcemos pelos mocinho/
damos bom dia ao vizinho/ pedimos a benção ao velhinho.
No fundo somos uns anjinhos./
Só que a vida é uma luta./ Pra defender a comida/
e uns trocados pra bebida/ damos um duro danado.
Sem repouso semanal/ sem desconto pra instituto/
com retrato no jornal/ xingados de proxeneta/
e de cancro social/ - a gente sempre acaba mal.
E na busca do mil-réis/ caçando cada tostão/
entre socos e bofetões/ é a vida - do Cafetão!

Saem. CONTRARREGRA prepara a cena seguinte.

CONTRARREGRA

Como a mão de obra hoje é muito mais cara do que há cinquenta anos, nosso elenco terá de se desdobrar em vários personagens. (*Apresentando*) Aqui está, por exemplo, o delegado adjunto do Rio em 37, Dr. Mota Avelar - que ainda nem sonha em se tornar deputado e influente administrador de bens públicos. Vamos surpreendê-lo às voltas com os misteres policiais.

MOTA AVELAR faz conferência ilustrada com personagens e acordes musicais correspondentes.

MOTA

Os caftens podem ser classificados em três tipos principais. Chamaremos o primeiro de latino. É o mais comum.

*Música: **Dança do apache.** UM DOS HOMENS se aproxima e assedia uma MULHER; exhibe uma navalha.*

MOTA

Este não se separa de uma navalha rombuda. É o argumento que garante seu sustento. No fundo, um primário.

MULHER aterrorizada entrega a fêria ao COMPANHEIRO. Saem, sempre dançando.

MOTA

O segundo tipo é o do caften portenho.

Tango. OUTRO HOMEM para demonstração.

MOTA

(Descreve) Musical. Romântico... a seu modo.

Enquanto dança, HOMEM acaricia a PARCEIRA, ao mesmo tempo em que sussurra coisas que parecem encantá-la.

MOTA

Sua especialidade é conhecer os pontos vulneráveis do sentimentalismo feminino. Usa a psicologia e o poder de sugestão.

MULHER passa a fêria espontaneamente, quase feliz.

MOTA

Chamaremos o terceiro de tipo eslavo.

Sem música. O REPRESENTANTE surge de costas, com uma pasta.

MOTA

Nada tem de musical, nem de romântico. Prefere o anonimato. Pode ser bom pai, bom marido. É até um disfarce que lhe convém. No fundo é, essencialmente, um negociante.

ESLAVO

Minha mercadoria é a mulher.

MOTA

Ele expõe o artigo de forma sugestiva... até mesmo em vitrines. Zela pela manutenção de sua fonte de renda, contabiliza lucros e perdas.

ESLAVO

Meu credo é a lei da oferta e da procura.

MOTA

Desenvolve negócios simultâneos e paralelos, procura novos mercados e mais consumidores.

ESLAVO

Tráfico de brancas. Contrabando. Falsificação de documentos. Entorpecentes. E - por que não? - espionagem?

MOTA

Para isso é necessário criar uma organização influente e poderosa: a ZWIG-MIGDAL.

Acordes vigorosos.

MOTA

A MIGDAL não tolera mulheres independentes. As que se rebelam acabam pagando caro. Temos que destruir essa nefanda organização internacional.

Termina a conferência. Somem CAFTENS e MULHERES.

MOTA

Que dia é hoje?

CONTRARREGRA

Seis de outubro.

MOTA

Então está na hora de receber a visita de Lucie Boulanger. Mande entrar.

LUCIE

(Entra) Dr. Delegado... Parece que minha irmã, Marie Ivone...

CONTRARREGRA

(Interrompendo) Com licença. Dada a importância do momento, não podíamos fazer a cena cantada?

*Os dois concordam; CONTRARREGRA faz um gesto: Música; **Dueto da queixa.***

LUCIE

Doutor Mota Avelar/ Pierrô sumiu de casa!

MOTA

Quando se deu essa desgraça?

LUCIE

Há sete dias já. /Parece que foi ontem./
Pensei que ela voltasse/ de uma hora para outra./
Ajuda a profissão/ sair de vez em quando/
da circulação. / Só que dessa agora/
Pierrô não disse nada./ Falou pra empregada/
au revoir.

MOTA

Coisas do *trottoir*/ Talvez com novo amante/
num local distante/ ela esteja a gozar.

LUCIE

Há um ponto a pesar:/ se ela foi de viagem/

cadê a bagagem?/ Levou a roupa do corpo./
E o mais intrigante:/ carregada de jóias./
Inclusive um brilhante/ de duzentos contos.

MOTA

Os fatos são os fatos:/ riqueza e formosura/
alta prostituição/ talento para a usura/
mais desapareção/ tudo me assegura:/
o caso pede ação.
Abrindo inquérito/ fazendo sindicância/
saindo em diligência/ ouvindo mil suspeitos/
e a primeira testemunha/ a empregada, dona Lucie.

LUCIE

Ela já está aqui./ O nome dela é Melany.

Cessa a música. Entra CRIOULA, empregada de PIERRÔ.

MELANY

Melany é um nome danado pra uma crioula... Mas mamãe achou bonito. *(Fala rapidamente, com um desembaraço pernóstico.)* Trabalho há três meses pra madame Ivone, no edifício Itabira, em Copacabana. Não durmo no emprego. Quinta-feira passada, quando cheguei, já encontrei madame de pé, pronta pra sair - e ainda nem era nove e meia. "A senhora está doente?" - perguntei.

Surge PIERRÔ.

PIERRÔ

Não, Melany. O telefone me acordou. E tenho algumas coisas pra fazer na cidade. Depois preciso encontrar uma pessoa que vem de São Paulo. Você aproveita a manhã e vai pagar a conta da Light, viu?

MELANY

Quando voltei já não achei madame. Aí o telefone tocou.

VOZ AMPLIADA

Madame Ivone está?

MELANY

Não senhor. Saiu.

VOZ

Ah, obrigado.

Volta PIERRÔ. Enquanto dialoga com MELANY, ela troca os sapatos.

PIERRÔ

Alguém me procurou?

MELANY

Um homem telefonou. Mas não deixou recado. Passa de uma hora. A senhora não quer comer qualquer coisinha?

PIERRÔ

Não. Preciso sair de novo. Não demoro.

MELANY

(À plateia) Ela calçou um sapato preto comum, que usa só pra andar por perto. Não passou meia hora e madame voltou. Nunca vi antes a moça que estava com ela... E as duas só falaram estrangeiro o tempo todo.

*PIERRÔ e uma MULHER GORDA, de grandes óculos pretos e chapéu.
Tem mais de quarenta anos.*

MULHER

Tenho tudo sob controle. Mas se quiser desistir, ainda está em tempo.

PIERRÔ

Pas du tout. Venha, só vou trocar de roupa.

MULHER

Apenas cinco minutos, *ma chère*. Não se esqueça.

MELANY

Fui pra cozinha, tratar da vida. O rádio do vizinho tocava um samba muito bonito...

RÁDIO

"A tua vida é/ é um segredo
é um romance e tem/ e tem enredo..."

Enquanto isso PIERRÔ se veste, auxiliada pela MULHER. Usa um vestido preto, chapéu tipo "gato" e capa de pele marrom. As jóias são o clímax da paramentação.

PIERRÔ

Melany: se alguém me procurar, diga que volto às cinco horas.

PIERRÔ olha a sala um momento, como se procurasse alguma coisa.

MULHER

(Da porta) Vamos, Pierrô - vite! Não temos muito tempo.

PIERRÔ

Vá chamando o elevador.

MULHER sai. PIERRÔ torna a olhar a sala.

MELANY

Madame esqueceu alguma coisa?

PIERRÔ

Não, Melany. *Au revoir.*

E sai, sem olhar para trás, enquanto a música sobe e termina.

MELANY

(Ao DELEGADO) Saí de lá perto das 9 da noite. Madame não telefonou, nem apareceu. No dia seguinte a casa estava como eu deixei. Então telefonei pra dona Lucie, na rua Cândido Mendes.

MOTA

Dona Lucie mexeu em alguma coisa do apartamento?

MELANY

Ela olhou tudo. Depois foi até o quarto, abriu o guarda-roupa e ficou um tempão olhando os vestidos de madame.

MOTA

Mas tirou ou levou alguma coisa, mesmo pequena?

MELANY

Não senhor. Tenho certeza.

MOTA

Sua patroa recebia muitas visitas?

MELANY

Algumas, né? Mas só de homens. Muitos eu nem via. Ela me mandava passear com o cachorro, ou fazer compras.

MOTA

Mas tinha um que dormia no apartamento. Sua patroa tinha um namorado.

MELANY

Seu Árias, o espanhol! Alguns dias eu encontrei ele aí, de manhã. Mas esse não era namorado, não.

MOTA

Não era?

MELANY

Madame um dia me falou que não gostava dele.

MOTA

Então por que dormiam juntos?

MELANY

Ela disse que precisava de companhia. Distração.

MOTA

(Sorri) Distração...

MELANY

(Entende; ri, escondendo a boca com a mão) É... distração.

*Alarido; música. Entra o CORO DOS REPÓRTERES: **Canção em letra de forma.***

REPÓRTERES

Quando menos se pensa/ aí aparece a turma/
dos rapazes da imprensa./
O dia-a-dia é nosso pão/ vivemos da informação./
O telefone a tilintar/ a máquina dedilhar/
essa história dá manchete/ vou cavar uma entrevista/
vale só no dia sete/ - e a sede do jornalista?
O dia-a-dia é nosso pão/ vivemos da informação./
O vespertino da cidade/ preza muito a honestidade/
mas quando o fato minguar/ manda a ética inventar./
Pois o importante, essencial/ é vender jornal.

CONTRARREGRA

Um repórter entrevista Lucie em seu local de trabalho: o bordel de Madame Jeanine, na rua Cândido Mendes, 51.

Há em cena um HOMEM GORDO, ouvindo rádio.

RÁDIO/LOCUTOR

Sua Excelência o presidente Getúlio Vargas concedeu hoje entrevista ao New York Times, afirmando categoricamente: "Em caso algum este estado de guerra está ligado à eleição presidencial, que continuará seu curso normal." Acabou de informar a sua PRA-9...

Entra sufixo barulhento; MADAME JEANINE reclama.

JEANINE

Abaixe esse rádio! Meu pensão não é botequim.

HOMEM desliga. LUCIE fala ao repórter.

LUCIE

Em Paris temos mãe e dois irmãos. Ivone veio pra cá há uns doze anos, por volta de 1925. Logo depois mandou me chamar. Mas eu já falei tudo na polícia...

REPÓRTER

Mas meu jornal está empenhado em encontrar sua irmã. Em casos assim os leitores de A Noite podem ajudar muito. Vamos até apelar para o Carioca-Repórter.

LUCIE

Bien... (Pausa) Marie me telefonou pela última vez no dia 29. Falou que estava muito aborrecida - mas não quis dizer por quê. Depois, dia 1º de outubro, Melany me telefonou perguntando se eu sabia de Ivone. Ela parecia preocupada... por isso fui lá, procurei um bilhete, um recado... qualquer coisa, mas não achei nada.

REPÓRTER

A senhora não ficou preocupada? Por que esperou uma semana para ir à polícia?

LUCIE

Na vida que levamos às vezes aparecem convites inesperados. No tempo em que morava aqui, Ivone costumava desaparecer por dois, três dias, e nunca se lembrava de avisar, pelo menos a mim.

REPÓRTER

E os namorados de Marie Ivone?

LUCIE

Ultimamente ela saía com o Árias, carteador da Urca. Antes dele teve o Salgado, que trabalhou no Copacabana, ouvi dizer que esse foi despedido do Cassino porque deu um desfalque.

REPÓRTER

Pierrô com certeza lhe falou de seus romances...

LUCIE

Ela não é muito de falar. Desde pequena Ivone mandou em mim, sem necessidade de dar explicações. Acho que habituou assim. Eu sou a caçula...

REPÓRTER

Mas, ninguém procurou sua irmã, nesse meio tempo?

LUCIE

Houve um telefonema, na noite em que ela falou comigo pela última vez.

VOZ AMPLIADA

Ivone está aí?

LUCIE

Não, ela não mora mais aqui. Quem está falando?

VOZ

Um amigo. Nada importante. Tá bom, obrigado.

LUCIE

Desligaram. Mas a voz me pareceu a do Salgado, embora não possa jurar.

REPÓRTER

Só mais uma coisa, dona Lucie. Você sabia da fortuna de Pierrô?

LUCIE

Ela sempre gostou de jóias. Só coisas de valor. E quando se mudou daqui, há três meses, ela foi morar sozinha num apartamento grande e bem mobiliado. *(Com certa admiração ou algo mais)* Mas Ivone nunca me disse que já era dona de um edifício inteiro!

REPÓRTER

Você acredita que alguém tenha cometido - suponhamos - alguma maldade contra ela? Digamos que a tenham arrastado a uma cilada e lá...

LUCIE o interrompe, lutando contra as lágrimas.

LUCIE

Não, isso não. Oh! *Mon Dieu...* espero que não.

Procura a proteção do HOMEM GORDO, que a leva para fora. MADAME JEANINE ocupa o centro das atenções.

JEANINE

Bahhhh! *Non* sei por que todo esse bagunça sobre Pierrô. Quando fui a Paris, ano passado, deixei esta casa entregue a ela. Você acha que eu faria isso com qualquer uma? Pierrô não é qualquer uma, *pas de tout*. *(Ri, dá de ombros)* Ivone tem o cabeça no lugar, meu filho. Quem me dera que todas as meninas fossem como Pierrô... Aí meu negócio seria um descanso!

REPÓRTER

E essa irmã dela... que tal?

JEANINE

Boazinha. Mas uma mosca morta. Não tem o talento da outra nem de longe.

REPÓRTER

Pelo visto, madame Jeanine sabe muita coisa do passado de Ivone?...

Surge PIERRÔ com uma braçada de flores.

PIERRÔ

Feliz aniversário, madame Jeanine!

JEANINE

Pierrô... não esqueceu de mim? Como você é gentil, *ma petite*... Que flores tão lindas!

PIERRÔ

Eu mesma escolhi as mais bonitas, uma a uma. Tenho de entender do assunto: quando mocinha trabalhei num mercado de flores. Foi meu primeiro emprego.

JEANINE

Que desperdício... Você - *vendeuse*.

PIERRÔ

E com certeza estaria lá até hoje - gorda, cheia de filhos e varizes - se tivesse **amarrado** o filho do patrão. Mas depois que lhe dei tudo, o moço fugiu - quem sabe? - pra Legião Estrangeira. Vai ver que ainda está lá até hoje, entre camelos e miragens.

JEANINE

E você, como saiu dessa?

PIERRÔ

Chorei um bocado, é natural. Depois enxuguei as lágrimas e me alistei entre as coristas do *Moulin Rouge*.

*Música: PIERRÔ canta e dança a ária **Questão de princípio**.*

PIERRÔ

Nunca é cedo demais/ pra mulher se entregar./
Nunca é cedo o bastante/ pra se dar ao amante/
tudo o que ele quiser/ tudo o que ele exigir/
pra ser mulher/ pra ser feliz.
Foi o que eu fiz/ tinha só quinze anos/
primavera em Paris./
Oh, como nos amamos!/ Duas crianças quase/
descobrimo o calor/ de dois corpos nus./
A flor a desabrochar/ entre risos e ais/
no orvalho o sabor/ do instante fugaz/
a correr e a voar/ - pra nunca mais.
Nunca é cedo demais/pra se entregar/
nunca é cedo o bastante/ pra se dar ao amante/
tudo o que ele quiser/ tudo o que ele pedir/
pra ser mulher/pra ser feliz!

Desaparece. MADAME JEANINE volta a falar ao REPÓRTER.

JEANINE

Ela veio para o Brasil com uma companhia de *vaudeville*, depois de viajar meio mundo, passando até pelo Egito. Em São Paulo deixou a *troupe*. Num carnaval se fantasiou de Pierrô. Ficou tão linda que o apelido pegou.

REPÓRTER

Dizem que ela teve um caso sério com um médico paulista, hoje famoso, de família tradicional...

JEANINE

Não sei nada disso; falam muitas coisas.

REPÓRTER

Madame acha que ela seria capaz de se matar?

JEANINE

Pas de tout! Ivone gosta muito da vida, tem amor à pele. Vai ver que ela sentiu vontade de viajar, apareceu um bom convite... e foi. Qualquer dia ela aparece por aí. Por que você não fica para jantar com madame Jeanine...?

CONTRARREGRA

(Entrando) Outro dia, madame. Agora o Árias está depondo na delegacia.

REPÓRTER e MADAME saem, enquanto surgem ÁRIAS, MOTA AVELAR e POLICIAIS.

ÁRIAS

Conheci Ivone num baile, num *reveillon* do ano passado. Ela estava com um carteador do Copacabana, José Salgado. Me disseram que eles eram amantes. No meio de tantas mulheres bonitas, Pierrô chamava atenção. Ela tinha *salero*...

MOTA

Então foi uma paixão à primeira vista?

ÁRIA

(Sorri) Tenho 38 anos, doutor. Sei dar valor a uma mulher. Mas daí a ficar apaixonado como um garoto... não, isso não é para mim. A gente se via por aí, nos cassinos, nas praias, trocava um cumprimento, mais nada. Até há mais ou menos um mês, fins de agosto, ou princípio de setembro...

Música em fundo como se vinda do grill - talvez Adeus, batucada (Sinval Silva) na voz de Carmen Miranda. Surge PIERRÔ.

PIERRÔ

Olá...

ÁRIAS

Como está?

Os dois estabelecem um olhar de mútuo interesse. Música em fundo.

PIERRÔ

O show já começou?

ÁRIAS

Agora mesmo; está cantando essa moça, Carmen Miranda.

PIERRÔ

Você é espanhol, não é?

ÁRIAS

(Apresentando-se) Ramón Árias Lorenzo, para servi-la, Pierrô.

PIERRÔ

(Ri) Então é você? Seu nome deixou uma boa fama em algumas pensões do Catete... Dizem que você é bom de cama.

ÁRIAS

Quem disse? Flora... ou Marta?

PIERRÔ

Não interessa. Tenho um apartamentozinho bem montado, aqui em Copacabana. Da janela de meu quarto se vê o mar... Apareça.

ÁRIAS

Com muito gosto. Quando?

PIERRÔ

Por que não hoje?

ÁRIAS

Será uma honra. Às duas horas posso largar o serviço.

PIERRÔ lhe estende um cartão.

PIERRÔ

Me telefone. Eu desço para abrir o portão.

ÁRIAS

E se seu amigo Salgado aparecer...?

PIERRÔ

Já acabamos, faz tempo. Não gosto de homens sem emprego.

PIERRÔ sai. Cessa a música.

ÁRIAS

Depois disso dormi lá várias noites. Ela até me deu a chave do portão. A última foi no domingo, 26 de setembro. Dois dias depois nos encontramos na Casa Alvear, à tarde, e combinamos passar a noite juntos. Aí nós brigamos.

MOTA

Por quê?

ÁRIAS

De madrugada ela saiu bêbada do cassino. De longe eu a vi rir e gritar, muito alterada. Me aborreci. Não quero nada com mulher que bebe, doutor. Não é questão de moral; acho que bebida só traz complicação. Telefonei mais tarde pra casa dela, acabando tudo. Disse uns dois ou três palavrões e desliguei. De manhã, a dona da casa onde moro me trouxe uma carta. Pierrô me pedia desculpas por tudo e queria que eu a encontrasse à tarde, no Bar Madelon.

MOTA

Onde está essa carta?

ÁRIAS

Rasguei na frente dela.

Bar: PIERRÔ aparece; ÁRIAS se encaminha para lá.

PIERRÔ

Que cara, meu Deus! Ainda muito zangado...?

ÁRIAS

(Frio) Curou a ressaca?

PIERRÔ

Foi uma bobagem... Também não aguento quando passo da conta. Fico insuportável. Você me desculpa?

ÁRIAS tira a carta do bolso, rasga.

ÁRIAS

Não se fala mais nisso.

PIERRÔ

Mas eu preciso falar. Ando tendo problemas, e isso me deixa vulnerável...

ÁRIAS

Você, com problemas? Ora, não me faça rir... Uma mulher bonita, a mais *salerosa* do Rio e, ainda por cima, cheia de admiradores e coronéis?

PIERRÔ

E por que não?

ÁRIAS

Problemas só existem para os pobres, os deserdados da sorte. Ou para os burgueses que acreditam em vencer na vida sem transgredir as regras do jogo. Mas gente como você e eu sabemos que neste mundo o jogo é viciado. Para nós, só existe a transgressão. Ou nada.

PIERRÔ

Vocês, espanhóis, não perdem essas idéias anarquistas... Eu não sei nada disso, meu caro. Não leio jornais, nem livros. Só entendo de fato de uma coisa... *(Sintomática, acaricia a mão dele)* Te espero hoje à noite.

ÁRIAS

Não, Ivone. Acho melhor ficarmos assim. Bons amigos, não mais.

PIERRÔ

Deixe de tolices. Só porque um dia bebi além da conta...

ÁRIAS

(Tira algo do bolso, põe na mesa) A sua chave.

PIERRÔ

Ora... Guarde isso. Ainda pode precisar.

ÁRIAS

(Firme) Não. Prefiro assim.

PIERRÔ pega a chave, dá de ombros.

PIERRÔ

Que pena. Quem errou fui eu... não posso reclamar. Que tal a gente se ver de vez em quando, nem que seja aqui no bar?

ÁRIAS

Sempre que quiser. Gosto de conversar com você... além do mais.

PIERRÔ

Então está certo. Apareço amanhã, a essa mesma hora. Combinado?

ÁRIAS

Combinado.

PIERRÔ

(À saída) Elas tinham razão. Você é mesmo bom de cama...

ÁRIAS

Mas Ivone não apareceu no dia 30 de setembro. Só ouvi falar dela anteontem, pelos jornais. E hoje estava em casa - eram 13 e trinta - quando me chamaram ao telefone...

VOZ AMPLIADA

É o Árias?

ÁRIAS

Sim, quem fala?

VOZ

(Pausa) Ivone está morta.

Um grito: PIERRÔ surge sob uma luz espectral, mascarada.

PIERRÔ

Pierrô está morta.

Depois, com uma gargalhada aguda, ela some.

ÁRIAS

Podia ser brincadeira. Mas acho que não. Ela era ambiciosa e sem escrúpulos, doutor. Devia despertar a cobiça de muita gente...

*Música: CORO DE MULHERES e de CAFTENS, com máscaras e outros acessórios, criam a atmosfera necessária à **Canção do Salão Assírio**.*

CORO

Nas mesas do Salão Assírio/ há estranhos segredos/
a vagar./ Romances que foram sensação/
intrigas de poder/ e sedução.

Nas mesas do Salão Assírio/jantam simpáticos/
fantasmas/ do tempo em que Pierrô/ mandava/
do tempo em que Getúlio/ ditava/
do tempo em que o temor/ rondava.

Dos cantos do Salão Assírio/ pendem segredos/
enforcados./ Espelhos do Salão Assírio/
ao fundo suicidas/ sorridentes.

No brilho dos mármore/ na água das fontes/
à luz dos círios do Salão Assírio/
o código da morte/ a decifrar.

PIERRÔ entra correndo e assustada.

PIERRÔ

Tranquem as portas... Acendam todas as luzes... Não deixem que eles me peguem!

MULHER 1

Eles quem, irmãzinha?

PIERRÔ

Eles... Faz tempo que me perseguem. Agora pagaram alguém para fazer o serviço.

HOMEM 1

Ora, irmãzinha, que é isso? Você nunca precisou de proteção.

MULHER 1

Logo você, que nunca sustentou cafetão...

MULHER 2

Eta mundo perdido! Pierrô era um exemplo para a classe...

PIERRÔ

Eu pago quanto quiserem. Não deixem que eles entrem! Aqui não podem me fazer mal... Vocês têm de me defender!

Batidas na porta. PIERRÔ se defende no grupo.

PIERRÔ

Não deixem! Fechem tudo... Apaguem as luzes!

HOMEM 1

(Para fora) Que querem?

VOZ AMPLIADA

(Em sussurros) Pierrô... Pierrô!

HOMEM 1

Não está aqui. Vão embora! O Salão Assírio está fechado - por tempo indeterminado.

Silêncio. O HOMEM volta a PIERRÔ, carinhoso.

HOMEM 1

Viu, irmãzinha, como foi fácil?

MULHER 1

Viu só, irmã, como nós gostamos de você? Está provado: o amor pode fazer milagres.

MULHER 2

Ninguém mais vai te incomodar...

PIERRÔ

(Abre a bolsa) Tomem: é tudo o que tenho aqui. Dinheiro... cheques... e as jóias.

Ninguém pega o que ela oferece.

HOMEM 1

Que é isso? Não somos mercenários.

MULHER 1

Não ofenda a gente, Pierrô. Só queremos que você nos queira bem.

HOMEM 1

(Num gesto) Um pouco de carinho... fraternal.

PIERRÔ, confusa, deixa-se acariciar. Mas algo nesse carinho a angustia.

PIERRÔ

Desculpem... não entendo. Vocês são muito bons... vocês me salvaram. Não aguento mais! É um pesadelo, quero acordar...

HOMEM se concentra no pescoço de PIERRÔ. CORO começa a fechar em torno deles.

HOMEM 1

Não, não, ainda é cedo... temos muito tempo...

E começa a apertar. PIERRÔ se debate, tenta arranhar o rosto do HOMEM.

PIERRÔ

Me largue... eu pago! Me largue... Assassino!

Num gesto arranca a máscara do HOMEM: surge um rosto de MULHER, que sempre apertando encara PIERRÔ fixamente.

HOMEM/MULHER

Diga que me ama, Pierrô. Diga que me ama!

CORO fecha sobre eles enquanto sobe a música e as luzes se apagam; acende noutro ponto. REPÓRTER entrevista CHOFER DE PRAÇA.

REPÓRTER

Ela reconhecia alguém? Não citou nenhum nome das pessoas vistas no sonho?

CHOFER

Não, não falou. Ela mesma mudou de assunto logo depois. Não falou mais nada com a moça até saltar na Avenida. Sabe como é: quase todo mundo se envergonha desse negócio de sonhos. Mas muitas vezes eles são avisos, tenho certeza.

REPÓRTER

Como era mesmo a história...?

CHOFER

Era um encontro dela com uma cigana. Que via na mão da tal Pierrô um perigo muito grande: um risco de vida.

REPÓRTER

Talvez com morte violenta?

CHOFER

É, acho que sim... Parece que por causa de dinheiro ou de segredos, mas não posso garantir.

REPÓRTER

O senhor se lembra quando foi isso?

CHOFER

Olhe, seu jornal diz que ela sumiu de casa no dia 30, não é? Pois deve ter sido uns oito, ou, no máximo, 15 dias antes. Garanto que foi numa sexta-feira.

REPÓRTER

Tem certeza?

CHOFER

Claro: era dia de sessão lá no meu terreiro. Fica no *Boulevard*. Quase na Praça 7.

REPÓRTER

Apareço por lá uma noite dessas.

CHOFER

Será uma honra pra gente. Quanto ao mais, é como lhe disse: quando ela morava aí na Cândido Mendes, levei ela muitas vezes ao restaurante Recreio do Leme, de madrugada, depois que a pensão fechava. Quase sempre um homem nos esperava na calçada. Um sujeito bem vestido, pinta lorde, parecido com o retrato do jornal.

REPÓRTER

Esse último, o tal Salgado?

CHOFER

Esse. Pelo jeito Pierrô gostava dele, e ele, dela. Parecia, mas com esse pessoal nunca se sabe...

Luz sobre RENÊ, atrás das grades.

RENÊ

(Num grito) Eu sei! Eu sei onde está Pierrô!

CONTRARREGRA

Cale a boca, Renê. Você só vai ser ouvido daqui a cinco anos. Ainda estamos em 37 - e num momento de grande sensação. Finalmente foi preso no interior de São Paulo o principal suspeito - o carteador José Salgado.

Delegacia. Muita gente, confusão; SALGADO surge abatido pelos interrogatórios.

SALGADO

Está havendo um equívoco, doutor. Eu não estava escondido coisa nenhuma. Quando vi meu nome nos jornais me apresentei logo. Infelizmente o delegado lá de Marília achou melhor me prender. Até me fez dormir algemado, veja só... Mas eu não tenho nada a esconder. Nunca me meti em confusões.

MOTA

Não? E a respeito de um certo desfalque no Copacabana?

SALGADO

Não passa de calúnia, doutor. Pode investigar. Fui despedido do cassino por briga com um colega.

MOTA

Questão de mulher ou de dinheiro? *(SALGADO hesita)* Não adianta esconder. Nós vamos vasculhar sua vida, tim-tim por tim-tim.

SALGADO

(Decide-se) Tinha uma dívida com um colega e estava demorando a pagar. Ele veio cobrar. Quando pedi que esperasse mais um pouco, ele mandou que eu fosse tomar dinheiro de Ivone. Disse que eu era um "cafetão de merda" - com licença da expressão. Não aguentei. Enfiei-lhe a mão na cara.

CONTRARREGRA

(Como detetive) Nome do sujeito?

SALGADO

Hernandez... não sei de quê. Um argentino. *(Pausa)* Não consegui logo outro emprego aqui. Tive de pegar o que apareceu. Fui parar no interior. Embarquei em julho. Desde então não vi mais Pierrô, nem soube dela.

MOTA

Quer dizer que Pierrô não te ajudava... Eram só amantes?

SALGADO

Pode parecer mentira, mas é isso. Eu também não **contribuía** pro sustento dela. Mas lhe dava, de vez em quando, um presente de valor - uma jóia, um vestido, coisas assim. Também Ivone não precisava: tinha muito mais do que eu.

MOTA

Vai ver que foi por isso que ela te deu o fora...

SALGADO

Não, doutor. Acho que não. *(Hesita, reflete)* Parece que essas coisas acabam quando chega a hora, sem se saber por quê. *(Evocativo)* No dia do meu embarque Ivone propôs tirarmos o dia só para nós. Fomos ao Pão de Açúcar... dormimos... jantamos juntos... depois passeamos pela praia como dois namorados.

PIERRÔ toma a mão de SALGADO.

PIERRÔ

Quero te levar na estação. Você deixa?

SALGADO

Não quero outra coisa. Vamos...

*Os dois se abraçam, beijam-se. Música: **Ária da estação.***

PIERRÔ

Pra que romantizar?/ Por que somente a puta/
não pode amar?

Mão na mão/ teu rosto acariciar/
passear simplesmente/ e o vento escutar.
Como se a vida não fosse/ essa armadilha/
como se a vida não fosse/ um alçapão.
Quero em teu ombro/ encostar a cabeça.
E quanto ao mundo/ - não me aborreça!
Ah, quem me dera/ morrer desta vez/
em teus braços, de amor/
para não ter de acordar/
para não ter de assistir/
esse sonho/ fugir.

Ruídos de estação ferroviária, chamadas para partida de trens, etc; os dois tornam a se beijar, ansiosos.

PIERRÔ

Arranje um bom emprego e depois me chame. Eu largo tudo. Quero morar com você numa cidade pequena, longe de tudo.

SALGADO

Te escrevo logo. Lá vai ser um deserto sem você.

PIERRÔ

Quer que te conte um segredo? Ainda vamos ser o casal mais feliz do mundo!

Apito próximo e definitivo: mais um beijo e SALGADO corre para o trem invisível, enquanto PIERRÔ acena da plataforma.

SALGADO

(De volta) Depois nunca mais nos falamos, nem escrevemos. Nosso caso terminou ali, na estação...

MOTA

Nem uma carta, nem um telefonema? Ao menos um postal de Marília...

SALGADO

Era difícil viver com ela. Pierrô só pensava em dinheiro... Quando alguém lhe dava uma ficha, no cassino, ela não jogava: trocava na caixa. Acho que foi por

essas e outras que ficou rica. Empregava tudo em jóias e em prédios. É dela o Edifício São Pedro, na Barão de Ipanema. Parece que tem até um prédio em Paris, no valor de trezentos mil francos. Enquanto isso, mesmo apaixonada ela contava os tostões...

MOTA

Sabe de alguém que tivesse interesse em matá-la?

SALGADO

Comigo Ivone nunca falou nisso. E, depois ela não tem nada de tola, doutor. É muito inteligente e ladina. Difícil de ser tapeada.

MOTA

Então, onde é que se meteu essa mulher? Sumiu no ar?

SALGADO

Também não sei, doutor. Mas me lembrei do que ela me falou uma vez, em tom de brincadeira... “Quando ficar farta dessa vida, vou procurar uma casinha em qualquer canto sossegado, talvez na Tijuca, e ficar por lá... até me esquecer de tudo... e se esquecerem de mim”. Pierrô tem um gênio danado. Vai ver que lhe deu na veneta.

Vestida muito burguesamente, PIERRÔ rega as flores de seu jardim; passa a VIZINHA.

PIERRÔ

Como vai, dona Alice? Melhorzinha?

VIZINHA

Graças a Deus! Aquele chazinho que a senhora me receitou foi tiro e queda. Hoje me sinto outra!

PIERRÔ

É um santo remédio. Tenho mais fé nele do que no Biotônico.

VIZINHA

(Tom conspiratório, depois de olhar para os lados) A senhora já soube?

PIERRÔ

De quê?

VIZINHA

Do escândalo! A filha do seu Fonseca... pois nem lhe conto! Esta noite não consegui pregar olhos... Foi um escarcéu danado. *(Baixa o tom)* Os pais descobriram que ela... **não é mais!**

PIERRÔ

Não me diga! Tão menina... Mas como a senhora soube?

VIZINHA

Nessa vida tudo se descobre, não adianta esconder. A senhora não leu que a polícia varejou uma **dessas** casas na rua Ibituruna, onde só tinha meninas do Instituto?

PIERRÔ

Não, não li.

VIZINHA

Pois é. Eram bacanais durante o dia mesmo, à luz do sol! Só iam homens cheios da nota, chefes de família. Pois a polícia deu lá e pegou todo mundo em flagrante - com a boca na botija! Deus que me perdoe, que eu tenho uma filha... Mas a menina do seu Fonseca era uma das tais!

PIERRÔ

Que desgosto! Criar uma filha com tanto sacrifício e, de repente...

VIZINHA

Este mundo está perdido. Caminhamos para o Fim dos Tempos! Até logo, dona Ivone. Quer que lhe traga alguma coisa da feira?

PIERRÔ

Uma dúzia de ovos, por favor.

Somem as duas. Salta o CONTRARREGRA.

CONTRARREGRA

O Enigma toma conta da Cidade ! Atenção: se você sabe onde está Pierrô, não perca tempo, essa informação vale dinheiro. A irmã da desaparecida instituiu hoje um prêmio de cinco contos de réis!

Duas FREIRAS; Uma é bem jovem.

FREIRA 1

(Ansiosa) Soeur Élise, preciso lhe falar... Sabe essa moça que toda semana vem trazer ajuda para as obras pias? Aquela do véu preto?

FREIRA 2

A mais discreta de nossas benfeitoras... Que tem ela?

FREIRA 1

(Hesita) Bem, não sei, mas... *(Decide-se, num arranço)* Alguma coisa me diz que ela é a tal mulher - essa que chamam de Pierrô!

FREIRA 2

Soeur Helène: já... já para o confessionário! E pare com essa mania de ler jornal escondido. É pecado mortal!

Um SENHOR DISTINTO se dirige ao CONTRARREGRA.

CHAPELEIRO

Por gentileza, o doutor Mota Avelar?

CONTRARREGRA

(Chamando) Doutor Delegado!

MOTA

Que é agora? Estou há 72 horas sem dormir.

CONTRARREGRA

É o chapeleiro João de Almeida. Quer lhe falar sobre Pierrô.

MOTA

Mais um!

CHAPELEIRO

Vai me desculpar, doutor, por não ter vindo antes. Mas estive acamado. Eu encontrei madame na esquina de Ouvidor com Uruguaiana, no dia 30 de setembro.

MOTA

O dia em que ela desapareceu? Vai ver que o senhor se enganou...

CHAPELEIRO

Ora, doutor, Maria Ivone é uma de minhas melhores freguesas. Todas os seus chapéus foram feitos por mim, há quase dez anos. Ela é exigente, mas de gosto perfeito. Não a vi de longe, doutor: falei com ela. Estava acompanhada de uma mulher.

MOTA

(Interessado) Como era?

CHAPELEIRO

De baixa estatura. Cheia de corpo - não muito gorda, mas com tendência a engordar. Morena, tipo francês. Ela vestia um casaco *raglan* três quartos, de cor escura - entre castanho e marrom. Bem cortado.

MOTA

É melhor começar do início. A que horas foi isso?

CHAPELEIRO

Bem... Foi na parte da tarde. Entre três e quatro horas. Eu vinha do largo de São Francisco em direção à loja. Ao atravessar a rua Uruguaiana, deparei com madame, descendo Ouvidor. Aproveitei para cumprimentá-la e, como é natural, para fazer reclame da casa. Madame prometeu aparecer. Nos despedimos, e foi tudo.

MOTA

Notou alguma coisa diferente? Pierrô parecia nervosa, ou preocupada?

CHAPELEIRO

Não senhor. Davam a impressão de duas amigas de braços dados, na hora do *footing*.

MOTA

Pierrô lhe apresentou a mulher? Ela disse alguma coisa?

CHAPELEIRO

Não, acho que não. Mas à saída beijei-lhe a mão e lhe ofereci o endereço da firma - já que a senhora usava um modelo meio fora de moda. Mas não lhe escutei a voz.

MOTA

Não houve nada que lhe chamasse a atenção nessa mulher... além do chapéu?

CHAPELEIRO

(Hesita) Na hora não percebi. Pode ser até que não passe de imaginação minha... A única coisa esquisita é que ela me pareceu um pouco... como direi? ... um pouco masculina.

MOTA AVELAR e CONTRARREGRA se entreolham.

MOTA

E essa agora?

PIERRÔ e sua AMIGA fazem um piquenique no campo.

MARIANE

Venha cá, Pierrô! Não vá se resfriar.

PIERRÔ em maiô da época, tirando a touca.

PIERRÔ

Brrr...! Aqui faz mais frio do que lá. Vou voltar para a cachoeira, Mariane.

MARIANE

Nada disso! Já chega.

PIERRÔ joga pingos d'água sobre a AMIGA.

PIERRÔ

Tente me pegar, preguiçosa. Quero ver. Sou mais ligeira que você.

MARIANE

Espere... Quer apostar?

PIERRÔ

Duvi-d-o-dó!

Num golpe inesperado da toalha MARIANE enlaça PIERRÔ.

MARIANE

Tu vois? (Face a face) Não me desafie, Pierrô. Sou capaz de coisas que você nem imagina... E ainda mais se for pra prender você.

PIERRÔ

Pierrô sempre escapa - como nos **Perigos de Paulina...**

MARIANE

Fique quieta agora. Deixe eu te enxugar.

PIERRÔ relaxa, enquanto MARIANE a enxuga, carinhosamente. Música:

Canção de Mariane.

MARIANE

É tão bom dormir/ depois de ter te amado.
É tão bom dormir/ e acordar a teu lado.
Um braço sobre o peito/ o cabelo espalhado
o cansaço perfeito/ do amor caprichado.
O sono sem sonhar/ eterno, relaxado.
Menina que dorme/ tranqüila, ao meu lado
teu seio a me chamar/ porto abrigado
farol em noite escura/
Pierrô - amor que me aquece/
e que me ensina/ a longa caminhada
estrada acima.

MARIANE

(Ao ouvido de Pierrô) Você está feliz?

PIERRÔ

Como nunca estive.

MARIANE

Tenho medo que isso não dure. Que você sinta saudade... que queira voltar.

PIERRÔ

Pra quê? Tenho tudo aqui. Sossego... sol, solidão... minhas jóias... e você, Mariane.

MARIANE segura o rosto de PIERRÔ entre suas mãos.

MARIANE

Ma petite... Mon amour.

Beijam-se, depois rolam na grama, enlaçadas.

Redação do jornal, em hora de fechamento de edição. REPÓRTERES e FOTÓGRAFOS que se cruzam, telefones tilintam.

REPÓRTER

...a empregada de Pierrô já foi apresentada a todas as cafetinas da cidade, examinou os fichários da polícia do Rio e de São Paulo, visitou até as casas do Mangue, e nada. Nem sinal da tal mulher com quem Pierrô foi vista pela última vez. Enquanto isso o Mota Avelar prendeu e soltou metade do Rio de Janeiro. Sem resultado.

REDATOR-CHEFE

Esse doutorzinho não me engana. Está fazendo um fuzuê nesse caso, mas não sabe de nada. O tal Salgado...?

REPÓRTER

Solto. Tem testemunhas de que não saiu de Marília nesse tempo todo. Também, pudera: já está de namoro com uma jovem da melhor sociedade local.

REDATOR-CHEFE

Um golpe do baú da melhor qualidade... (*Chamando*) Cunha! Vá correndo pro Ministério da Justiça. Está na hora da posse do doutor Francisco Campos.

REPÓRTER

O suspeito do dia é o Alexandre Lacombe. Famoso arrombador, escroque, proxeneta, enfim, um espertalhão. Está adorando o cartaz. Diz que Lucie sabe da história; que ela está escondendo alguma coisa.

REPÓRTER 2 entra esbaforido.

REPÓRTER 2

Chefe! Escute a última: Getúlio convidou o tenente Amaral Peixoto pra interventor no Estado do Rio. O homem já aceitou. A posse é hoje mesmo!

REDATOR-CHEFE

Segunda mudança de Ministério no mesmo dia! Aí tem coisa...

REPÓRTER

Será o tal golpe?

Telefone tilinta: CHEFE atende.

REPÓRTER 3

(Ao telefone) Chefe, aqui é o Alencar, na Câmara!

REDATOR-CHEFE

Fala.

REPÓRTER 3

Presta atenção: o deputado João Carlos Machado acaba de ler uma carta do candidato de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, denunciando à Nação um golpe a ser dado pelo Getúlio, com apoio militar.

REDATOR-CHEFE

Opa! Pra quando é isso?

REPÓRTER 3

Vamos ter de adivinhar, na carta não diz. Mas a turma está apostando que é pro 15 de novembro. É a data preferida pelo general Góis...

REDATOR-CHEFE

(Ao REPÓRTER) Você, Monteiro: tente entrevistar o Góis Monteiro; afinal, vocês têm até o mesmo sobrenome. Não fale em golpe, é claro. Indague da situação nacional.

REPÓRTER

Mas o caso da Pierrô...?

REDATOR-CHEFE

Agora pode esperar.

Telefone tilinta; REPÓRTER se afasta, CHEFE atende.

VOZ DE MULHER

É da Noite? Olha: venham depressa ao restaurante Esquilo, na Floresta da Tijuca. Pierrô está aqui. Com um homem. Almoçando!

REDATOR-CHEFE

Alô? Espe... (Procura o REPÓRTER) Hei, Monteiro!

REPÓRTER

Pronto!

REDATOR-CHEFE

Corra ao restaurante Esquilo, na Tijuca.

REPÓRTER

E o general Góis?

REDATOR-CHEFE

Depois! Pierrô está lá na Floresta, almoçando. Leve um fotógrafo, depressa!

Luzes se apagam. Ruídos intensos: tropel de cavalos, rodar de tanques nas ruas, em mistura com dobrados, até desembocar num discurso trazido pelo rádio.

VOZ DE GETÚLIO

"...considerando de frente e acima dos formalismos jurídicos a lição dos acontecimentos, chega-se a uma conclusão iniludível a respeito da gênese política das nossas instituições; elas não corresponderam, desde 1889, aos fins à que se destinavam. Restauremos a Nação... deixando-a construir livremente a sua história e o seu destino."

Aplausos vibrantes, vozerio.

LOCUTOR

Acabaram de ouvir a palavra do Chefe da Nação.

Sufixo musical da antiga Hora do Brasil, saindo lentamente. Volta a luz sobre a redação, de madrugada. REDATOR-CHEFE cochila em sua mesa. Entra REPÓRTER, devagar, cansadíssimo, e se atira numa cadeira. REDATOR-CHEFE abre um olho.

REPÓRTER

Rebate falso, chefe. Parecia um pouco com Pierrô. Mas era espanhola. Casada. E estava almoçando com um **amigo** do marido...

REDATOR-CHEFE

(Devaneando, sem levantar a cabeça) Bem feito. Esta é uma terra de cornos.

Os dois se entregam ao cansaço na redação, agora na penumbra, enquanto do alto PIERRÔ varre lentamente a cena num balanço, ao mesmo tempo em que cantarola um sucesso do ano anterior (João de Barro e Alberto Ribeiro).

PIERRÔ

Cadê Mimi, cadê Mimi
Mimi que fugiu pra Xangai
Mimi que partiu me deixando aqui
do meu pensamento não sai
Cadê Mimi, cadê Mimi
o meu brinquedinho chinês
que ainda espero encontrar e amar

amar mais uma vez...

Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO

*Duas MULHERES JOVENS, de penhoar, dançam e cantam com bandejas de frutas e bebidas. O SENADOR está imerso numa banheira, devorando um cacho de uvas. PIERRÔ preside a tudo. Cantam **O Segredo**.*

MULHERES

O segredo é a alma/ do negócio/ O segredo é a palma/
da vitória./

Segrede o segredo/ secretíssimo/ Segure o segredo/
meretíssimo

SENADOR

Em toda essa história/ de política/ há sempre uma hora/
muito crítica/ Se o golpe demora

MULHERES

Alguém hesita.

SENADOR

Se a farinha não chega

MULHERES

O pirão pira.

SENADOR

Se o gato não canta.

MULHERES

Mama mia!

SENADOR

Se um gatilho dispara.

MULHERES

É correria.

SENADOR

Daí a verdade integral/ fundamental:
o segredo é a alma/ do negócio.

MULHERES

Etecétera e tal.

SENADOR

(Para PIERRÔ, feliz) Isso é que é vida. Só mesmo você, bichinha, pra adivinhar todos os meus desejos!

MULHER 1

Mais uma uvinha, senador?

SENADOR

Só o suco, só o suco, caindo bem na minha boca!

MULHER espreme as uvas sobre o rosto do SENADOR.

SENADOR

Ah, que beleza! Me sinto de novo com 20 anos, capaz de todas as loucuras...

Aperta o seio de uma das moças.

MULHER 2

Mais um golinho de champanhe, senador...

SENADOR

Acho que já chega.

MULHER 2

O senhor bebeu tão pouco! Será que não gostou da safra?

SENADOR

Mais um golinho não pode fazer mal, não é? Me sirva.

PIERRÔ se aproxima, trazendo uma coroa de papel crepom.

PIERRÔ

Eu te corôo Imperador. Ave, César!

MULHERES

Ave, César!

SENADOR ri deliciado.

SENADOR

Você tem cada uma!...

PIERRÔ

Os que vão morrer te saúdam.

SENADOR

Que bobagem é essa, bichinha? Deixe de agouro.

PIERRÔ

Última homenagem dos que vão morrer por ti, fiéis seguidores dos códigos.
Ave, César. Anauê!

SENADOR

(Arranca a coroa) Não vai morrer ninguém. Em terra de índio, quem dá o primeiro tiro ganha.

PIERRÔ imita índio, se ajoelhando.

PIERRÔ

Caramuru! Caramuru!

MULHERES

(Dançando e cantando) Filho do fogo, sobrinho do trovão...

SENADOR

(Irado) Parem com isso! Que falta de respeito é essa!

MULHERES

(Desajeitadas) Desculpe... mas...

SENADOR

Estão pensando o quê? Exijo muito respeito.

PIERRÔ

(Às MULHERES) Saiam. *(Para ele)* Eu estava brincando.

SENADOR

Uma brincadeira de mau gosto. De péssimo gosto! Afinal, tenho uma posição a zelar.

PIERRÔ

Já pedi desculpas, não pedi?

Pausa. SENADOR não sabe como transigir. Torna a sentar na banheira.

SENADOR

(Ri) Vem cá, anda.

PIERRÔ

(Não se mexe) Pra quê?

SENADOR

Acho que passei da conta... Vem me fazer aquela massagem, que só você sabe fazer.

PIERRÔ

Agora não estou com vontade.

SENADOR

Ficou zangada comigo...?

PIERRÔ

Decepcionada.

SENADOR

Por quê? Só porque me exaltei...

PIERRÔ

Descobri que estava enganada. Você é como os outros.

SENADOR

Como é que você pode dizer isso, bichinha? Então não lhe faço todas as vontades? Teatros... vestidos... jóias?

PIERRÔ

Isso não é tudo.

SENADOR

Que é que você quer mais?

PIERRÔ o enfrenta.

PIERRÔ

Quero me sentir necessária. Quero que você confie em mim.

SENADOR

Mas eu confio!

PIERRÔ

Não. Sinto que há coisas que você me esconde. Coisas muito sérias, que estão preocupando você. Coisas que estão para acontecer.

SENADOR

São assuntos de política. Nada que lhe diga respeito... e que você nem entende.

PIERRÔ

Claro. Nem quero entender! Por isso mesmo você pode me dizer tudo, tudinho. Só quero sentir que você é todo meu. Um homem que merece que eu também lhe dê tudo, sem limitações...

PIERRÔ começa a massagear o SENADOR. Este relaxa, feliz.

SENADOR

Hummm! Como é bom... Você é das arábias, bichinha!

PIERRÔ

Mas só com quem merece, bichinho...

SENADOR ri, suspira fundo, fecha os olhos e começa a falar.

SENADOR

Temos armas, munições, gente à espera do momento oportuno... Um sinal do Chefe, e cairemos sobre o Palácio. Será o começo dos novos tempos, da Nova Ordem!

PIERRÔ

Cuidado, meu amor, não se exponha demais. Não vá se machucar.

SENADOR

Não há perigo, bichinha. Tem gente nossa em todo canto, até lá dentro. Mas se for necessário, não temo morrer pela Causa.

PIERRÔ

Não diga isso, bichinho. Nem quero pensar... Chegue pra lá. Vou te pegar aí mesmo, dentro d'água.

SENADOR

Você é das arábias!

Antes de entrar na banheira, PIERRÔ o saúda.

PIERRÔ

Anauê! *(E começa a se despir)*

SENADOR

Anauê!

PIERRÔ

Promete uma coisa?

SENADOR

Tudo.

PIERRÔ

Quando você for Ministro vai me dar um palacete na Gávea. Quero um banheiro especial, com uma enorme banheira de mármore, quase uma piscina. E com as paredes todas de espelho...

SENADOR

Isso é pinto. Quando eu chegar lá, você vai ser a mulher mais poderosa deste país: a nova Marquesa de Santos!

PIERRÔ

Tomara que esse dia chegue logo!

SENADOR

(Abraçando-a) Não vai demorar, bichinha. Juro que não vai demorar.

*Luzes se apagam. GRUPO DE POLICIAIS fardados e à paisana, cantam a Música: **Canção da DGI.***

CORO

Somos a Lei e a Ordem/ com salário mínimo./
Arriscamos a pele sem horário/ à luz do estatuto/
do extranumerário./
Pra que seguro de vida?/ Somos proletários/
da folha corrida./
Se há roubo, estelionato/ arrombamento, falcatura/
desfalque, assassinato/ pra tudo estão aí/
os detetives da DGI./
E lá vamos nós/ a pleno vapor
trinta dias por mês/ e com esse calor/
procurando Pierrô.

CONTRARREGRA

Lucie é convocada para uma conversa com o delegado Silvio Guerra, chefe do setor de Segurança Pessoal da Delegacia Geral de Investigações, a popular DGI.

O NOVO DELEGADO é em tudo o oposto de MOTA AVELAR: magro, alto, cerebral.

LUCIE

Minha irmã sumiu há um ano... Já falei tudo para o doutor Mota Avelar, uma porção de vezes. Que é que ainda esperam que eu diga?

GUERRA

O inquérito mudou de jurisdição, madame. Agora chegou ao meu departamento. Tenho de tomar algumas providências que me pareceram necessárias, como ouvir a principal interessada, isto é, a senhora.

LUCIE procura se dominar, relaxa.

LUCIE

Desculpe. É que... estou cansada disso. Entrevistas, depoimentos, acareações, retrato no jornal, advogados... e pistas falsas. No princípio pensei que Ivone aparecesse de uma hora para outra... ou que mandasse notícias. Mas agora... já não sei.

GUERRA

Começa a acreditar que ela tenha sido morta?

LUCIE

Como explicar que abandonasse tudo - apartamentos, aluguéis, móveis e roupas?

GUERRA

Talvez ela preferisse salvar o essencial.

LUCIE

As jóias?

GUERRA

E a vida. *(Pausa)* Ninguém perseguia Marie Ivone?

LUCIE

Não, que eu saiba. Ela nunca falou nisso.

GUERRA

Também podia ter pensado que seus bens ficariam em boas mãos. A senhora e sua irmã não eram amigas?

LUCIE

(Sorri) Não a esse ponto. Também tínhamos as nossas briguinhas. Nada de sério, mas somos de temperamentos muito diferentes. Vai ver que nossos signos não combinam.

GUERRA muda de tom.

GUERRA

Pierrô a explorava?

LUCIE

Claro que não!

GUERRA

Suponho que a senhora tenha um passaporte.

LUCIE

Sim.

GUERRA

Gostaria de vê-lo.

LUCIE

Está em casa - se é que não perdi. Não ando com ele na bolsa.

GUERRA

E sua irmã, andava com ele na bolsa?

LUCIE

Acho que Ivone nem tinha passaporte. Ela veio pra cá com a companhia do *Moulin Rouge*, depois de uma temporada em Montevideú. O visto de entrada foi pedido pelo empresário, valendo para todo o elenco.

GUERRA apanha uma folha à sua frente.

GUERRA

Então mais tarde ela tirou um. *(Consulta)* Número 518. Extraído no consulado, em São Paulo. Com esse documento Marie Ivone embarcou para a França em fins de 30. Não sabia dessa viagem?

LUCIE

Sabia, sim. Mas não liguei uma coisa e outra.

GUERRA

Onde estará esse passaporte, madame?

LUCIE

Não faço idéia. Será que ela levou?

GUERRA

Pode ser. Mas, se não o fez, então alguém o escondeu, ou subtraiu do apartamento, antes que a polícia chegasse.

LUCIE

Com que intenção?

GUERRA

Para confundir. Ou para nos fazer crer na fuga voluntária de sua irmã.

LUCIE

Parece que, só Melany... e eu, estivemos lá antes da polícia. *(Pausa)* Por acaso o senhor está me acusando?

GUERRA

Não, madame. Apenas consultando... *(Outro tom)* Certamente a senhora não tem viajado ao exterior, depois que se estabeleceu entre nós...

LUCIE

Fui uma vez a Paris, visitar mamãe.

GUERRA

Há muito tempo?

LUCIE

Uns 4 anos. Fins de 34.

GUERRA

Demorou-se por lá?

LUCIE

Dois ou três meses. Estávamos tratando do inventário do papai. Isso me reteve.

GUERRA olha-a fixamente. Depois faz um gesto ao CONTRARREGRA, que traz um papel.

GUERRA

Leia, por favor.

CONTRARREGRA

“Boulangier, Lucie Madeleine, alcunhada Caprice, francesa, nascida em...” etc. “Chegou a mesma à Casablanca em 26/12/34, pelo vapor Mendoza, vindo do Rio, e estava munida do passaporte nº 1068, extraído pela polícia de Paris em 12/1/26, renovado no Rio em 3/12/34”. *(Destaca o que se segue)* “Residiu em Casablanca no Hotel Georges V até 23/2/35, data em que foi para Marselha, declarando ir em visita à família. Frequentou uma casa de *rendez-vous* em Marrocos, sem dar porém outros motivos de censura à polícia.”

GUERRA

A declaração está assinada pelo Governador Geral do Marrocos.

LUCIE encara SILVIO GUERRA. Sua surpresa se transforma em revolta.

LUCIE

Então agora é comigo! Depois de um ano de fracassos, de idéias absurdas e de reviravoltas, de toda essa confusão - agora sou eu na berlinda. O senhor vai mexer no meu passado. Vai fazer questão dos menores detalhes - mesmo os mais humilhantes?

GUERRA

Não é por prazer, madame. Sou pago para isso.

LUCIE

(Crescendo) Não! O senhor é pago para localizar desaparecidos, solucionar crimes, prender bandidos, e não...

GUERRA

...e não permitir que alguém esconda a verdade! Meu trabalho tem muitas faces, madame. Conheço bem todas elas. *(Baixa o tom)* Acalme-se. Apesar do tempo decorrido, das falhas do inquérito, da barafunda de pistas e suspeitos, quero encontrar sua irmã, se puder. Infelizmente não fazemos milagres. Temos deficiências de pessoal e de recursos. Dependemos também da sorte e do auxílio de terceiros... A senhora quer nos ajudar?

LUCIE se controla. Pausa.

LUCIE

Sim.

GUERRA

Muito bem. É o melhor para todos nós.

Luzes: A cena é cortada por vários TRANSEUNTES, todos absortos na leitura dos jornais do dia. Cada um destaca um parágrafo da mesma matéria.

CHOFER

“Quantia apurada em leilão do Edifício São Pedro, sito à Rua Barão de Ipanema, 95: 353 contos de réis...”

CHAPELEIRO

“Leilão de móveis e utensílios domésticos: 9 contos, 984 mil e 500 réis...”

FREIRA

“Apólices do Estado de São Paulo: 62 contos, 581 mil e 300 réis...”

CÁFTEN

“Cheque nominal enviado de Paris para a ausente, correspondendo a 4 contos, 450 mil e 800 réis...”

MELANY

“Quantia arrecadada em casa da ausente, 1 conto, 825 mil réis...”

CHAPELEIRO

“Aluguéis de apartamentos do Edifício São Pedro: 8 contos, 823 mil, 966 réis...”

CAIXEIRO VIAJANTE

“Total dos bens deixados pela ausente: 441 contos, 655 mil, 566 réis.”

Todos os personagens somem, largando os jornais pelo chão. VIAJANTE dobra seu exemplar e bota debaixo do braço. Fala ao REPÓRTER.

VIAJANTE

Ela já morreu. Morreu onde sempre viveu, na cama. Eu vi o corpo. De pertinho, como estou vendo você. O nome do lugar não digo. Jurei segredo à minha amiga, dona do único *rendez-vous* decente da região...

Luz sobre o velório. Não se vê caixão. Só pessoas na sala ou na parte externa da casa: PROSTITUTAS, CLIENTES, entre os quais um BÊBADO. VIAJANTE circula pela cena. Murmúrios de reza.

BÊBADO 1

Quando morre uma mulher igual a ela o céu devia desabar...

MULHER GORDA

Que bonito! Diz de novo.

BÊBADO

(Alto) Quando morre uma puta igual a ela o céu devia desabar...

MULHER MAGRA

(Irônica) Então era preciso uma porrada de céus.

MULHER GORDA

Cala essa boca, sua peste! Ela era minha amiga, minha irmã. Quem você pensa que é? Uma caipira muito escrota!

MULHER MAGRA

Não me provoca. Você era puxa-saco dela. Vivia lambendo os pés dessa gringa metida à besta.

MULHER GORDA

Vamos lá prá fora. Eu te mostro. Em vez de um, vão sair dois enterros daqui!

Outras MULHERES tentam interferir, afastando as duas.

MULHER MAGRA

Me deixa... Vem, vem saco de bosta!

MULHER GORDA

Me larguem! Eu mato... eu mato!

DONA DA CASA intervém.

MADAME

Te aquieta! Não quero brigas na casa; ainda mais hoje!

MULHER GORDA

(Quase chorando) Mas a senhora não ouviu o que ela disse? Chamou Ivonete de...

MADAME

(Cortando) Amanhã acerto contas com ela. É tudo despeito. Inveja dessa vaca. Ivonete foi grande demais. Gente mesquinha não perdoa isso...

BÊBADO

(Desamparado, indiferente a tudo) Estou viúvo, Ivonete... Estou sozinho... Como vai ser sem você?

MADAME engole em seco. GORDA se abraça com ele.

MULHER GORDA

Chora, Ezequiel. Chora mesmo. Eu já não posso mais.

VIAJANTE

Quem era a falecida? Eu conheci?

MADAME

Ela tinha um sonho... Queria fazer uma pensão diferente. Achava melhor numa cidade pequena, não sei por quê. Falava numa casa clara, sempre pintada de novo, com cortinas nas janelas e um jardim bem tratado. Devia ficar na colina, bem no alto, feito uma igreja. Lá, todas as tardes, as mulheres botam suas melhores roupas, sapatos novos, perfumes franceses... E enquanto esperam, fazem bordados, flores de papel, agasalhos para os pobres. E as que têm mais jeito ensinam as outras a cantar... e todas cantam até a madrugada. E quando os casais em suas camas fazem amor, ouvem a gente cantando. E as crianças que acordam no meio da noite não chegam a chorar: se distraem com as vozes das putas, cantando baixinho. Assim passam as noites, tranqüilas e felizes, sempre a esperar. Até o momento em que um homem lá embaixo sente que seu chinelo, seu pijama, o pássaro da gaiola, os filhos e a mulher que dormem já não lhe pertencem. Então ele sai de casa sem fazer ruído, atravessa as ruas desertas, sobe a colina, entra sem bater. E escolhe uma mulher sem falar, sem nem mesmo tratar o preço. E a escolhida pega ele pela mão, como uma coisa frágil e muito complicada... e leva ele pro quarto... pros lençóis de linho, sob cortinados de filó. E se deita sobre ele, nua e perfumada, amiga e mãe, última namorada, prêmio, bálsamo e remissão.

BÊBADO

No fundo do poço dormem peixes verdes. Os segredos que eles guardam nunca vêm à tona.

MULHER GORDA

(Ao VIAJANTE) Ela chegou aqui tão cansada, coitadinha, tão abatida! No princípio nem queria falar, a gente tinha de forçar ela a comer. Passava as noites e dias acordada, olhos abertos, olhando o vazio... Apertava a bolsa de encontro ao peito, não largava ela pra nada.

MADAME

Ela tinha medo. Estava apavorada. Mas também depois que sarou nunca vi ninguém mais alegre, mais cheia de vida. Nem parecia a mesma! *(Pausa; falando para todos)* O enterro vai ser às dez da manhã. Já contratei as limusines. Quero todo mundo muito chique. Como se tivesse morrido o prefeito! Duas ou três mulheres vêm do interior.

MULHER

Já vestimos o corpo, madame.

Atrás delas surge PIERRÔ, vestida de noiva. Música.

MULHER GORDA

Meu Deus! Parece uma santa...

*Música: PIERRÔ canta o **Epitalâmio**.*

PIERRÔ

Meu receio/ é envelhecer

sem conhecer/o amor

Sentir a vida/ a escorrer

sem nunca ter/ amado.

Recuso o amor/ bem comportado

Procuro o amor/ desesperado

fogo a queimar/ e brisa a desfolhar

a velha lenda/ que se renova

em cada poro/ de duas carnes

sempre atentas.

Lenta/ mente desço o rio.

A vida/ gira em seu vazio.

Festas, risos, perversões/ nada mais são que o guizo/ com que espanto esse temor.

Ai! a nostalgia/ sabe ser ao mesmo tempo a lâmina que mata,/ o fruto que alimenta.

Meu receio/ é envelhecer

sem conhecer/ o amor...

MADAME

(Emocionada) Vai ser um enterro de arromba, Ivonete. Como essa merda de cidade nunca viu!

BÊBADO

(Beijando a noiva) Quando morre uma virgem que nem você, o mundo devia desabar.

Luzes se apagam. Um tempo. CONTRARREGRA como JUIZ, diante de LUCIE, seu ADVOGADO, SILVIO GUERRA, REPÓRTER e FOTÓGRAFOS.

JUIZ

Antes de proferir a sentença gostaria de indagar: as autoridades policiais estão de posse de algum fato novo, capaz de esclarecer o destino de Marie Ivone Boulanger?

GUERRA

(Adianta-se) Não, Meretíssimo. As investigações prosseguem, mas ainda sem resultado concreto.

JUIZ

Muito obrigado. O senhor advogado dos herdeiros tem algo a declarar?

ADVOGADO

Em nome da família Boulanger, desejo expressar a confiança de meus constituintes na sabedoria da justiça brasileira.

JUIZ

Sendo assim... *(Pausa)* Baseado nos dispositivos de nossa legislação, o Juiz da Segunda Vara de Órfãos e Sucessões profere a seguinte sentença: que a quantia inventariada seja transformada em Títulos da Dívida Pública, papéis da mais alta cotação no mercado; o espólio assim constituído será partilhado pelos herdeiros de Marie Ivone Boulanger, após decorrido o prazo de 30 anos a contar da presente data.

REPÓRTER

...em 1969!

JUIZ

Cumpra-se. Está encerrada a sessão.

Levanta-se para sair. FOTÓGRAFOS estouram seus flashes. REPÓRTER se encaminha para LUCIE.

ADVOGADO

Sinto muito, madame, mas não se podia esperar outra coisa.

REPÓRTER

O doutor pretende recorrer da sentença?

ADVOGADO

Infelizmente não cabe recurso. Por mais que a decisão contrarie os interesses de meus constituintes, não nos resta outra alternativa senão acatá-la.

REPÓRTER

A senhora se considera prejudicada com essa solução?

LUCIE

Afinal, o dinheiro de Ivone não me pertence mesmo. Assim, pelo menos, fica guardado, esperando que ela venha buscar... algum dia.

REPÓRTER

Dizem que a senhora também está investigando por sua conta. Vai continuar tentando localizar Pierrô?

LUCIE

Fiz tudo o que podia. Agora quero tratar da minha vida. Acho que tenho esse direito.

Ela deixa o REPÓRTER e se encaminha para SILVIO GUERRA.

LUCIE

Doutor, posso pedir licença para viajar?

GUERRA

Pretende ir à França, apesar da guerra?

LUCIE

Quero sair do Brasil. Talvez para o Chile, ou Peru, mas não sei ainda. *(Pausa)*
É que... vou me casar. Ele é engenheiro americano... de muita cultura... e rico.
Resolvemos esperar que esse caso terminasse antes de... recomeçar a vida.
Há algum impedimento?

GUERRA

Nenhum. Basta que a senhora nos comunique seu novo destino. Para qualquer eventualidade.

LUCIE

(Estende a mão) Então, obrigada. E adeus.

GUERRA

Adeus. E felicidades, madame.

CORO DOS CAFTENS E DAS MULHERES DA VIDA improvisa um adeus a LUCIE. NOIVO americano está presente.

CORO

Adeus, boa viagem/ Felicidades/
Fundem um lar./ Que muitos filhos/
venham alegrar/ o matrimônio/
Repete-se assim/ mais uma vez/
a história singular/ Cinderela vai casar!
Ele é rico e bacano/ ela é francesa/
ele americano/ *God blessed you!*
Que sejam felizes/ no Peru.

Abraços, beijos, acenos, chuva de arroz. CASAL parte. Cena se esvazia, restando apenas DUAS PESSOAS.

CIGANA

A vida? Os amores? A Fortuna? O Destino? Nada é impenetrável, tudo pode ser revelado.

PIERRÔ, de costas, apenas estende a mão na direção da MULHER.

CIGANA

Deixe-me ver... Meus serviços custam caro.

PIERRÔ

Os meus também.

CIGANA

(Examina) Sim, os amores são muitos, minha cara. Você é uma profissional do amor. Mas, neste momento, você não passa de uma menina deslumbrada... de um cabacinho!

PIERRÔ

Mentira! Você está blefando. Onde está escrito isso na minha mão?

CIGANA

Num ponto mínimo, quase insignificante. Mas tão claro quanto um farol, à noite. Nem precisa saber ler na palma. Está no toque de sua pele. Fria e quente, ao mesmo tempo.

PIERRÔ

(Cede) Não dá para disfarçar, não é?

CIGANA

Não dá. É algo que chega num dia certo, com hora marcada. Nem adianta fingir que não existe. É a hora da verdade.

PIERRÔ

Enfrentei tudo. Fome, mentiras, roubo, violação. Sempre lutei contra a fraqueza em mim, a ponto de acreditar que ela não mais existisse.

CIGANA

Cuidado com a ilusão. Às vezes, o que parece fraco pode ser o sinal de uma nova força.

PIERRÔ

Engraçado... Tem momentos em que me sinto mais forte do que nunca, capaz de enfrentar tudo, como se tivesse duas vidas. Mas, ao mesmo tempo, essa

responsabilidade me arrasa. É um peso inesperado, demais para uma pessoa só.

CIGANA

Mas vai ter de ser assim.

PIERRÔ

Por quê?

CIGANA

Vejo você sozinha, sem homem. Ajudada por outra mulher.

PIERRÔ

Mas vou conseguir?

CIGANA

Não sei.

PIERRÔ

Não minta! Você deve saber.

CIGANA

Não sei. Nem quero, Há coisas que é melhor não saber.

Sai; a luz se apaga sobre PIERRÔ.

RENÊ

(Num grito) Eu sei de tudo! É preciso que me ouçam. Eu sei o que aconteceu a Pierrô!

CONTRARREGRA

Afinal! *(Apresentando)* Eduardo Soumastre, vulgo Renê. Ladrão e arrombador francês. Várias entradas na polícia. Em 1943 está cumprindo pena em São Paulo.

RENÊ

(A Silvio Guerra) Eu sei de tudo, doutor. O senhor precisa me escutar.

GUERRA

Fale.

RENÉ

Pierrô não fugiu. Ela está morta. Foi atraída a uma cilada. Roubaram as jóias dela e venderam fora do Brasil. Sei até onde enterraram o cadáver.

GUERRA

Quem era a tal mulher?

Surgem PIERRÔ, MELANY e a MULHER DE ÓCULOS PRETOS.

MULHER

Vamos, Pierrô - *vite!* Não temos muito tempo.

GUERRA e RENÉ observam a cena, intercalando comentários.

RENÉ

É conhecida pelo apelido: "Poupée". É amante do Petit Elie.

GUERRA

Dê a ficha.

RENÉ

Traficante de cocaína. Pierrô também negocia o pó. Petit Elie planejou tudo. Está usando Poupée como isca.

PIERRÔ

Onde vamos apanhar a coisa?

MULHER

Na Praça Mauá. Eles vêm de automóvel. Nós entramos e damos uma voltinha, como sempre.

PIERRÔ

Quero voltar antes das cinco. Tenho um compromisso.

MULHER

Ninguém quer perder tempo, Pierrô. Trouxe a grana?

PIERRÔ faz que sim. Luz sobre outro ponto: cinco cadeiras sugerem um automóvel, ocupado por TRÊS HOMENS. Ruídos de trânsito.

GUERRA

Quem são os outros?

RENÉ

Petit Elie e Lulu le Lyonnais no banco traseiro. Gaston Algerien dirige o carro.

PIERRÔ senta atrás, entre os dois homens. POUPÉE vai na frente. PETIT ELIE usa um lenço longo, de seda e carrega um embrulho.

PETIT ELIE

Salve, Pierrô! Como vai essa força?

PIERRÔ

Não me queixo. Cadê a mercadoria?

PETIT ELIE

Ici. Tout cela. Dessa vez teus clientes vão se regalar, Pierrô.

PIERRÔ

Deixe ver. Você sabe que eu não compro sem examinar.

LULU

Esperê! Estamos no meio do trânsito. Rode mais um pouco.

PETIT ELIE

Siga pelo cais.

RENÉ

Mal saíram do tráfego, e Pierrô começou a ficar inquieta.

PIERRÔ

Vamos logo com isso. Não tenho tempo pra ficar passeando com vocês.

MULHER

Só um pouco mais, filha. Que pressa!

ELIE

Cinco minutos. Vamos até o Caju.

PIERRÔ

(Decidida) Não! Encoste o carro aí mesmo.

GASTON acelera o carro. Ela tenta abrir a porta do lado de LULU.

PIERRÔ

Quero saltar... de qualquer jeito!

MULHER

Non, Pierrô... Espere!

GASTON

Segure ela agora!

LULU tenta prender PIERRÔ. PETIT ELIE tira o lenço e num golpe destro envolve o pescoço de PIERRÔ. Luta rápida. PIERRÔ se debate em vão, com uivos surdos.

RENÉ

Não puderam esperar. Fizeram o serviço ali mesmo.

GUERRA

Num carro em movimento... perto do cais do porto ...

RENÉ

Depois rodaram até São João de Meriti. Ali pegaram uma estrada lateral, de terra batida. Resolveram parar depois de uma curva abrigada.

Volta a luz sobre o carro, em outro ponto da cena. Os personagens representam enquanto RENÉ descreve.

RENÉ

Gaston e Elie despojam Pierrô das jóias. Lulu cava logo um buraco e enterram ela ali mesmo. Perto de umas árvores, a 400 ou 500 metros da Rio-Petrópolis. É lá que está o cadáver.

GUERRA

Como é que você sabe de tanta coisa, René? Por acaso estava lá?

RENÉ

(Sorri) Na época do crime, eu cumpria pena em Porto Alegre. Fiquei recolhido de janeiro de 34 a março de 39. Saí por bom comportamento... Foi lá que apareceu em 38 um velho conhecido: Lulu le Lyonais, nascido na Guiana Francesa. Ele me contou tudo isso na Detenção.

GUERRA

Tem idéia de onde ele anda agora?

RENÉ

Deve estar longe, doutor. Naquela época Lulu ia ser repatriado, como indesejável. Mas conseguiu fugir da cadeia.

GUERRA

E você ficou calado esse tempo todo - 5 anos!

RENÉ

Ninguém quis me escutar. No sul tentei falar com o diretor da prisão. Ele não me acreditou; que é que eu podia fazer? Depois de solto fui tratar da vida... até que escorreguei de novo, ano passado, em São Paulo. Aí tive tempo pra me lembrar do assunto... e dessa vez me escutaram.

GUERRA

Muito bem, René. Então vamos começar a caçada aos seus amigos Lulu, Gaston, Petit Elie e essa mulher...

RENÉ

...Poupée, ou Boneca.

GUERRA

(Pausa) Qual é seu preço?

RENÉ

Não entendo.

GUERRA

Você não vai se arriscar a apontar seus colegas a troco de nada. Afinal, vocês têm uma ética. Que é que você pretende ganhar com isso?

RENÉ abaixa a cabeça. Pausa.

RENÉ

A liberdade.

GUERRA

Não é comigo.

RENÉ

(Ansioso, com dificuldade) Compreenda, doutor... Estou com 53 anos... ando sentindo umas coisas... Acho que estou ficando velho... e escolhi uma profissão ingrata.

*Música: RENÉ se põe a cantar o **Tango do marginal**.*

RENÉ

Mesmo um bandido/ inclemente/
precisa de um lar/ decente.
Um lugar onde pousar/ a Bereta e o soco-inglês./
Um lugar onde guardar/ navalha, escova de dente/
seu velho ventilador/ e a imagem iluminada/
de São Jorge Protetor/ - pois mesmo o pior/
marginal/ é um burguês/ convencional./
Quando a noite/ se aproxima/
quando a vida/ nos devora
e a casca/joga fora/
quando o homem/ chega ao fim/
é que percebe enfim:
mesmo um bandido/ inclemente/
precisa de um lar/ decente/

para descansar/ temporariamente.

Pausa. GUERRA hesita ao julgar a sinceridade de RENÉ.

GUERRA

Não prometo nada. Mas a sua ajuda pode pesar num livramento condicional.

RENÉ

Está certo. Já é alguma coisa.

GUERRA

(Outro tom) Então vamos ao local.

RENÉ

Mas, agora, doutor?

GUERRA

Por que não?

RENÉ

Está escurecendo... E não conheço bem o lugar... Não podíamos deixar pra amanhã?

GUERRA

(Encara-o) Está com medo de errar?

CONTRARREGRA

A imprensa está toda aí. Os jornais de São Paulo deram o furo. Se a gente sair agora vai todo mundo atrás. Vai ser um carnaval.

GUERRA

Transfira para as seis da manhã. É uma boa hora... *(A RENÉ)* Os jornais querem escutar sua história, René. *(Ao CONTRARREGRA)* Deixe entrar o pessoal.

Pensão de MADAME JEANINE. MULHERES, CAFTENS, RENÉ e PIERRÔ. Esta tomando sua prise de cocaína. RENÉ fala aos repórteres.

RENÉ

Ela freqüentava a pensão de madame Jeanine, mas não morava lá. Ia sempre pra se abastecer de cocaína. Comprava nunca menos de 50 gramas.

*Música: PIERRÔ dopada. **Façam o jogo.***

PIERRÔ

Façam o jogo, senhores/ Pierrô é quem banca/

Façam o jogo, meninos/ Pierrô é o cassino./

Lancem a ficha/ não tenham medo/

nesta roleta gira/ o meu segredo.

O dinheiro é um jogo/ o amor é um logro/

mas por que não jogar?

Façam o jogo, senhores/ Pierrô é quem banca./

Façam o jogo, meninos/ Pierrô é o cassino./

A sorte vai sorrir/ Pra quem souber jogar.

(Aos CAFTENS, debochada) Vocês são uma merda! Só servem pra vender pozinho... ou explorar essas idiotas! Só sabem andar pelos cantos, fazendo pose de machão e vivendo no "me dá-me dá".

Alguns homens se entreolham e resmungam apenas. Só RENÉ se ofende.

RENÉ

E você não passa de uma linguaruda muito vagabunda!

PIERRÔ finge espanto.

PIERRÔ

Alguém me respondeu...?

RENÉ

Eu. Disse que você é uma linguaruda muito vagabunda.

PIERRÔ encara-o, divertida.

PIERRÔ

Ora... até que enfim! Apareceu um que tem moral... Deve ser um grande homem! (*À JEANINE*) Quem é ele? Nunca vi esse cara.

JEANINE

Um novato: René. Veio de São Paulo. Parece que não tem tido muita sorte.

PIERRÔ

Vai ver que não me conhece...

RENÉ

Nem quero conhecer.

PIERRÔ

(*Cara a cara*) Está vendo esse anel? É brilhante mesmo. Nove quilates. Vale duzentos contos. Foi um homem que me deu - um homem só. Eu sou rica... muito mais do que você pode imaginar. E não sustento nenhum filho da puta.

RENÉ

(*Fugindo*) Não me interessa sua vida.

JEANINE

Deixe o homem, Pierrô. Ele falou por falar. Não é um mau sujeito.

PIERRÔ

Talvez não seja... mas é preciso provar. (*Pausa*) Posso usar seu quarto, Janine?

JEANINE

(*Ri*) Você não precisa pedir.

PIERRÔ

(*A RENÉ, noutro tom*) Vem comigo, menino honesto, valente... e fracassado.

RENÉ

Pra onde?

PIERRÔ

Pra cama. Pierrô quer ver se você tem jeito para o negócio.

RENÉ hesita, sem saber o que fazer.

RENÉ

Tem graça...

PIERRÔ

(Dura) Eu pago. *(Abre a bolsa, estende a nota)* Cem mil réis!

E vai caminhando para o interior da casa, devagar, agitando a nota diante dos olhos de RENÉ, que a segue. As MULHERES riem.

PIERRÔ

Ele é o tal! Mas vai se prostituir... o dinheiro, menino, o dinheiro! Pierrô vai te mostrar o que é a vida. Você vai fazer tudo o que Pierrô mandar, por cem mil réis!

Luz sobre exterior, no suposto local do crime. POLICIAIS com pás e enxadas trabalham em pontos diferentes. REPÓRTERES e FOTÓGRAFOS.

POLÍCIA 1

Aqui não tem nada, chefe. Nem um tesouro escondido.

GUERRA encara RENÉ.

RENÉ

É mais difícil do que eu pensei, doutor... Tudo mudou com a estrada nova. Mas tem de estar por aqui.

POLÍCIA 2

(Suando) Que merda! Peguei logo um lugar que só tem pedra.

FOTÓGRAFO

(Gozando) Cuidado; vai ver que são as jóias da mulher!

Risadas. REPÓRTER se aproxima de GUERRA.

REPÓRTER

Não se importa se eu puxar conversa?

GUERRA

Desde que não seja entrevista...

REPÓRTER

Não é, não. Engraçado... depois da entrevista de René, ontem, comecei a desconfiar que o senhor não acredita muito nessa história...

GUERRA

Por quê?

REPÓRTER

Marcar a diligência para as seis da manhã! *(Sorri)* Foi mais pra obrigar a gente a respirar o ar puro de São João de Meriti, não foi?

GUERRA sorri também. De repente, ouve-se um grito.

POLÍCIA 3

(Excitado) Achei! Ossos... Uma ossada!

Todos correm. POLÍCIA 3 levanta os braços exibindo uma caveira.

GUERRA

(Frio, constatando) ...de burro.

Toda a cena cai em resistência. Fica apenas um foco sobre GUERRA.

GUERRA

(Ao público) Dos acusados por René, só Petit Elie parecia ter existido. Confirmamos que era traficante de cocaína e tinha uma amante - Poupée. Mas nossas investigações indicam que o casal sumiu de circulação muito antes de Pierrô desaparecer. *(Pausa)* René morreu no presídio, em fevereiro de 44, de nefrite crônica.

Luzes. Toda a cena que se segue é diretamente para a plateia.

CONTRARREGRA

Depois disso muita coisa aconteceu. E na verdade, quase nada aconteceu. Teve gente nascendo, teve gente morrendo, como sempre...

JEANINE

Eu voltei pra Paris, em princípios de 39. Dois anos depois morria assassinada pelos alemães.

CONTRARREGRA

E sempre Pierrô sendo vista, aqui, ali e acolá...

DIPLOMATA

No fim da guerra viajei com ela, no primeiro vapor a seguir para a Europa. Pierrô usava óculos escuros e adotava o nome Maria Chadela. Ela me confessou que fugiu dos nazistas: espionagem.

CONTRARREGRA

Muita gente continuou investigando...

REPÓRTER

O detetive Martineli garante que ela está em São Paulo, dirigindo um restaurante francês.

GUERRA

Investigamos. Era outra: Elizabeth Brum - autêntica.

CONTRARREGRA

A economia deu saltos. A inflação também. E o espólio foi minguando, na geladeira dos títulos da Dívida Pública.

ADVOGADO

A herança vale hoje menos do que um saco de confeti.

CONTRARREGRA

Mas o **caso Pierrô** virou modelo: um clássico a procura de imitadores...

HOMEM

(Dramático) Sou absolutamente inocente: Dana foi seqüestrada pelos tchecos!

CONTRARREGRA

A segunda guerra passou. A terceira não sabe se vem ou se fica como está - restrita. Mas de Pierrô, nem sinal.

GUERRA

O crime é um fator de surpresas. Quando menos se espera, a luz desfaz os enigmas. Tudo questão de tempo.

A cena se esfuma. Aparentando agora quase 70 anos, surge o REPÓRTER em sua casa. Diante de um gravador, ele fala ao CONTRARREGRA.

CONTRARREGRA

(Ao microfone) Depoimento de Alfredo Monteiro. Jornalista profissional desde 1937.

REPÓRTER

(Idem) Sim, eu fiz a cobertura do caso Pierrô para A Noite. Tinha começado em jornal pouco antes, para desgosto da família... *(Pausa)* Pierrô foi um assunto... apaixonante. Vasculhei esta cidade por todos os meios, até de avião. Entrevistei um mundo de gente, segui as pistas mais variadas. Cheguei a sentir ciúmes dos ex-amantes dela - e foram inúmeros, como você sabe. Sim - não ria - de certo modo eu me apaixonei por ela. Sem nunca tê-la visto... Talvez eu tenha virado uma espécie de amante póstumo de Pierrô.

CONTRARREGRA

E que fim levou a moça? Tem alguma opinião formada?

REPÓRTER

Acho que Pierrô está morta, e bem morta. Talvez a tenham atraído a uma casa deserta, e enterrado ali mesmo, no quintal. Ou colocado o corpo em uma mala, hoje no fundo do mar. Não me pergunte o motivo; isso é que não faltava. Roubo ou vingança; envolvimento com traficantes e até mesmo espionagem internacional.

CONTRARREGRA

Em algum ponto do processo, alguém fala numa certa organização secreta, uma tal de CAGOULE...

REPÓRTER

Hoje se sabe que existiu mesmo. Era um movimento clandestino de extrema direita, antissemita e anticomunista, que apoiava o Marechal Petain contra o governo de Leon Blum.

CONTRARREGRA

Quando foi isso?

REPÓRTER

Parece que foi fundado em 36. Mas a verdade é que também não ficou provada a participação de Pierrô nesse negócio.

CONTRARREGRA

E se tudo não passasse a princípio de uma tentativa de golpe publicitário? Alguém falou nisso.

REPÓRTER

Ah, foi um tal de professor Max Bengsner, telepata polonês de passado duvidoso. Mas ele mesmo se contradisse anos depois, passando a acusar os nazistas e a ZWIG-MIGDAL, como se os dois fossem uma coisa só. Admitindo-se porém a fuga voluntária de Pierrô, será que ela conseguiria se esconder tão bem que não fosse descoberta até hoje? Como vê, tudo continua na mesma. Desculpe se não lhe sou de grande valia...

Uma SENHORA surge de repente, do interior da casa.

MULHER

Alfredo, já arrumei sua bagage... (*Vê os dois*) Oh, desculpe, não sabia que estavam...

CONTRARREGRA

(*Para o gravador*) Não tem importância. Já terminamos. Muito obrigado por tudo, Monteiro.

REPÓRTER

Volte quando quiser. E sempre que precisar.

MULHER

Felicidades

CONTRARREGRA Obrigado (Sai).

REPÓRTER se volta para a esposa, carinhosamente.

REPÓRTER

Qu'est que vous voulez, Ivone?...

MULHER

A viagem... Já esqueceu?

REPÓRTER

Oh, sim... Não posso perder o trem.

Apito de trem. As luzes voltam às da cena do primeiro ato, quando do depoimento de SALGADO. Este e PIERRÔ surgem em primeiro plano, enquanto os outros personagens desaparecem.

PIERRÔ

Quero te levar na estação. Você deixa?

SALGADO

Vamos.

Música. Volta o tema de PIERRÔ daquela cena no primeiro ato.

PIERRÔ

Pra que romantizar? Por que somente a puta não pode amar? (Etc)

Terminam num beijo.

PIERRÔ

Arranje um bom emprego e depois me chame. Eu largo tudo. Quero morar com você numa cidade pequena, longe daqui.

SALGADO

Meu amor... Te escrevo logo. Lá vai ser um deserto sem você.

Beijam-se outra vez, até que PIERRÔ se desvencilha.

SALGADO

Que foi?...

PIERRÔ

Estou grávida. De você. Vou ter esse filho, seja como for.

Apitos do CHEFE DA ESTAÇÃO.

SALGADO

Como?... Que brincadeira é essa?

PIERRÔ

Isso mesmo: grávida.

SALGADO

Você está louca? Quem garante que é meu?

PIERRÔ

Foi isso que eu tive medo de ouvir. Mas vamos fazer de conta que você não escutou, que eu não disse nada. Adeus.

PIERRÔ começa a se afastar, enquanto cresce o contraponto de ruídos da estação. SALGADO sobe a voz.

SALGADO

Um filho?... Que loucura! Com a sua vida? Tinha graça...

PIERRÔ

(Firme) Vá! Tome logo esse trem. Vá pra Marília, ou pra puta que o pariu.

Apito de trem, resfolegar da locomotiva. SALGADO hesita.

SALGADO

Ivone! Isso é loucura! Pense bem... O que vai ser dessa criança? *(Trem começa a partir; ele resolve pegá-lo; corre.)*

SALGADO

Eu telefono... De lá eu telefono. Ivone! *(Desaparece na direção do trem que acelera a marcha, saindo da estação.)*

PIERRÔ

(Para si) Vai ser nossa - minha e sua. Custe o que custar. Nossa, nossa!

Um tempo. A batida de um surdo marca a entrada de uma procissão, do lado oposto àquele em que PIERRÔ saiu. Embora os participantes estejam mascarados ou fantasiados, o tom inicial do desfile lembra mais uma quarta feira de cinzas.

MULHERES

(Cantando) No céu, no céu
com minha mãe estarei...

NEGRO

(Encobrendo o CORO DAS MULHERES) Cadê a alegria
que havia por cá?

HOMENS

Ela vai levar.

CAFTENS e PROSTITUTAS conduzem um andor ou carro alegórico, com PIERRÔ vestida em sua melhor fantasia. Ela distribui beijos à direita e à esquerda.

NEGRO

E o gosto sem igual de um bacanal?

HOMENS

O gato comeu.

MULHERES

No céu, no céu

com minha mãe estarei...

PIERRÔ

(Cortando) Parem! É aqui que eu salto.

Surge MARIANE fantasiada de enfermeira, empurrando um carrinho de criança.

MARIANE

Vamos, Pierrô, depressa. Não temos muito tempo.

SENADOR, de índio, se destaca do coro.

SENADOR

Não vá, bichinha! Não me deixe... Perdi uma batalha, é verdade. Mas a guerra continua.

Sem lhe dar ouvidos, PIERRÔ para diante de MARIANE, que a cobre de jóias tiradas do carrinho. Um homem de dominó se aproxima de PIERRÔ: É ÁRIAS.

ÁRIAS

A Organização sabe dar valor a quem tem. Os chefes mandam dizer que há muito dinheiro a sua espera, onde e quando você quiser. *(Pausa)* Que é que eu digo a eles?

PIERRÔ

Que não me amolem.

ÁRIAS

Não se faça de tola! Eles querem uma resposta.

PIERRÔ, sem se virar, faz um gesto obsceno. MARIANE termina e pega o carrinho.

MARIANE

Allons, Pierrô, vite!

As duas começam a caminhar. SALGADO aparece, como arlequim.

SALGADO

Ivone! E se eu lhe pedisse? Podemos sair daqui... procurar juntos a cidade que lhe agrade... e casar.

PIERRÔ

Não. Não dá para repetir. Não suporto café requentado.

Surge o REDATOR-CHEFE, apressado, com uma corbeille.

REDATOR

Com os votos de boa viagem da imprensa escrita e falada, Pierrô. Não se zangue, mas seu desaparecimento vai ser providencial. Você vai ajudar a encobrir nossa falta de assunto sob o estado de sítio e mesmo durante o Estado Novo. É o tipo de caso que sempre encontra leitores fiéis.

PIERRÔ

Não façam cerimônias. Sirvam-se.

REDATOR, indicando o coro.

REDATOR

Você já pensou no que vai ser deles?

PIERRÔ

Vão continuar vivendo. Se necessário, inventarão outra Pierrô, ou um Arlequim!

HOMENS DO CORO se agitam.

SENADOR

Mentira! Nós te amamos!

SALGADO

Não podemos viver sem você!

PIERRÔ

(Voltando-se) Vocês se amam. E assim como são: espertos e ingênuos, egoístas e desprendidos, alegres e tristes - tudo misturado e ao mesmo tempo. Não tentem complicar mais as coisas. Eu soube vender a mercadoria que vocês queriam. Agora chega. *(Ela caminha para o HOMEM DO BUMBO)* Vamos, bata isso. Vocês também. Mais depressa. *(Tentam obedecer, mas timidamente)* Se quiserem chorar a minha falta, ótimo. Mas chorem cantando. E o apito? Toque o apito, Senador! *(SENADOR obedece, mas sem convicção)* Pierrô vai embora. Cantem e dançam - sofram bastante. Ou finjam. *(Para si)* Um dia tudo isso vai mudar. Nas árvores, no vento... nem o eco de meus passos na calçadas. *(Noutro tom, à saída)* Se alguém me procurar, digam que volto às 5 horas.

Sai com MARIANE. O incipiente ritmo da bateria atravessa de vez. O momento de tensão é quebrado pelo súbito vibrar de uma campânula, que lembra o ritual da missa. Coros se dividem, num esquema que mais acentua a semelhança de um diálogo dos fiéis com o sacerdote.

CORO

Salve Maria

Ivone Courtanger

Salve Maria

a santa do michê

Ela deu tudo o que tinha

sem escolher posição

sem voto de castidade

sem usar seu nome em vão.

Teve prédio, teve jóia

ganhou dinheiro na cama

mas no final dessa história

o espólio - quem reclama?

Salve Maria

Ivone Courtanger

Salve Maria

a santa do michê.

Afrodite da Glória

e de Copacabana

devassa rainha

sutil e sacana
mistério gozoso
vagina sagrada
andrógina menina
- esquarterada?
Crime perfeito
da encarnação
da santidade
da putaria

Ave Maria
Ivone Courtanger
Ave Pierrô
a santa do michê.

FIM